

EDUCAÇÃO E DESRESPEITO: a degradação da escola pública como espetáculo nos meios de comunicação

EDUCATION AND DISRESPECT: the degradation of public school as a spectacle in the mass media

EDUCACIÓN E IRRESPECTO: la degradación de la escuela pública como espectáculo de los medios de comunicación

L'ÉDUCATION ET LE MANQUE DE RESPECT: la dégradation de l'école publique comme un spectacle dans la média

Arthur Meucci* 



Introdução

Os estudos interdisciplinares entre os campos da Educação e o da Comunicação realizados no Brasil apontam para uma revolução social na década de 1970 com a popularização dos televisores em nosso país, que resultou em um “papel importante nessa realidade e instaura-se uma grande disputa entre eles [os meios de comunicação]¹, de um lado, e as tradicionais agências de socialização – escola e família –, de outro” (BACCEGA, 2004, p. 120).

Atualmente existem movimentos políticos para incorporar os produtos simbólicos produzidos pelos meios de comunicação no cotidiano escolar,

* Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: meucci@ufv.br.

¹ Inserção do colchete explicativo feito pelo autor do artigo.

buscando sustentar ainda mais sua influência. Segundo Adilson Citelle, é uma “importante disputa simbólica em torno da palavra de ordem “modernização” escolar, cujos apelos visando à incorporação dos dispositivos técnicos para finalidades didático-pedagógicas vêm ganhando terreno” (2015, p. 74).

Para Guy Debord os meios de comunicação, especialmente os televisivos, buscam construir uma narrativa imagética que sustentam um poder espetacular sobre o tecido social, impondo constantes relações de produção e consumo de mercadorias e de imagens. Essa produção de imagens, a serviço das classes dominantes, tenta sobrecrever qualquer tipo de discurso paralelo, como o escolar, que rivalize na produção de sentido. O espetáculo acarreta em uma alienação que supera a relação entre o trabalhador e aquilo que ele que produz, pois a imagem midiática é capaz de desapropriar-lo da consciência de sua realidade cotidiana e imediata.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade, e como instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo próprio fato de este setor ser separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência (DEBORD, 2000, p. 3).

O presente artigo deriva de uma parte do levantamento de entrevistas realizadas em uma pesquisa doutoral sobre os vínculos entre educandos e educadores em escolas públicas, em bairro nobre e na periferia, na capital do Estado de São Paulo. Os discursos dos moradores e comerciantes vizinhos da escola pesquisada retratam a instituição de ensino e seus estudantes de maneira preconceituosa e desrespeitosa, fazendo referência a situações de medo e violência alinhado com a divulgação espetacular de notícias envolvendo escolas públicas feitas por programas jornalísticos com temática policial transmitidos por emissoras de televisão da cidade.

1. Marco Teórico-Metodológico

A pesquisa fez uso da Hermenêutica de Profundidade, marco teórico-metodológico concebido pelo pesquisador John Thompson (2011). Uma premissa fundamental do método hermenêutico utilizado por Thompson é a constatação de que todo o universo social a ser pesquisado é pré-interpretado

pelos sujeitos que os constitui – em outras palavras, os fenômenos pesquisados são rodeados por explicações e sentidos que as pessoas recebem e reproduzem no decorrer de suas vidas cotidianas.

O procedimento metodológico que utilizamos para analisar o universo de pesquisa foi dividido em três estágios, como descrito por Thompson (2011, p. 365-377). Na *primeira etapa*, coletou-se os materiais pertinentes a *análise sócio-histórica* em que os agentes do campo escolar estão envolvidos. Essa etapa é essencial para entender a comunidade onde ela está inserida e os valores ideológicos observados. A segunda etapa é a *análise discursiva*, na qual os discursos dos vizinhos da escola serão estudados. A terceira etapa, a *interpretação e reinterpretação*, pretende estabelecer uma síntese das duas etapas anteriores, no intuito de oferecer um novo conhecimento sobre os discursos estudados para interpretação da ideologia.

A Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson busca esclarecer a lógica social da construção dos discursos por meio da *ideologia* utilizada, ou seja, de uma orientação que estabelece e sustenta as relações de desigualdades sociais por meio das formas simbólicas utilizadas no mercado social de produção de sentidos, como consta em sua clássica definição de ideologia:

Por isso, proponho conceitualizar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer e sustentar relações de dominação*, ao estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. (2011, p. 79)

Além de Thompson, utilizamos as teorias sociais de Axel Honneth sobre desrespeito e as lutas por reconhecimento (2003). Honneth compartilha da posição hegeliana de que todas as formas de reconhecimento pressupõem um conflito internamente inscrito; por esse motivo, ele propôs uma gramática moral dos conflitos sociais baseado nos fenômenos de *desrespeito e reconhecimento*.

1.1 Corpus

Pesquisou-se oito pessoas entre comerciantes e moradores que eram vizinhos da escola pesquisada, sendo que somente duas pessoas permitiram

a publicação de suas entrevistas na íntegra em produções acadêmicas como livros e revistas. Os entrevistados eram proprietários dos imóveis e residiam/trabalhavam na região há mais de dez anos.

2. Análise sócio-histórica

A escola pesquisada se situa em um bairro de alto capital econômico e foi construída na década de 1930, sendo projetada segundo as orientações do movimento escola novista em uma arquitetura no estilo *Platoon System* incluindo um auditório, um auditório-ginásio, uma sala de enfermagem e uma sala de leitura integrada com a biblioteca. A escola reproduzia um modelo de administração escolar implantando no final do século XIX nos Estados Unidos. Esse modelo “incidia sobre o rodízio entre turmas organizadas em pelotões que, ao longo da jornada escolar, deslocavam-se no espaço da escola, de acordo com as atividades previstas – aula convencional, brincadeiras e exercícios, trabalhando em oficinas, atividades sociais e de expressão no auditório” (CHAGAS *et al.*, 2012, p. 74).

Por se situar em uma região importante, com acesso de transportes públicos como metrô e corredor de ônibus, perto de cinemas, museus e teatros, a escola concentrava os professores mais bem pontuados no Estado, tendo 68% do seu quadro composto por mestres e doutores. No ranking estabelecido pelo Enem em 2014, essa escola estadual estava entre as melhores 50 melhores na avaliação do estado de São Paulo e entre as 10 melhores escolas públicas da capital. O bom desempenho da escola proporcionava aos professores rendimentos extras conferidos pela política de bonificação implantada pela Secretaria da Educação.

A maioria dos educandos matriculados na escola não moravam no bairro, eles eram remanejados devido ao bom desempenho escolar ou por causa da superlotação nas regiões periféricas das cidades onde moram – especialmente Osasco e Cotia.

Os habitantes do bairro colocavam os seus filhos nas escolas privadas destinadas à elite paulistana. Os filhos dos zeladores e das governantas, que moravam nos prédios e mansões, faziam parte dos poucos moradores que estudavam na escola.

Alguns pais de estudantes reclamavam que os seus filhos saíam de casa às cinco da manhã e precisavam pegar duas conduções, mas a maioria dos familiares tentava matricular seus entes naquela unidade por causa das condições precárias das escolas estaduais da região onde moravam – relataram constante falta de água, banheiros e lousas quebrados e falta de professores.

Ao lado da escola há prédios residenciais e lojas comerciais. No posto dos Correios, vizinho da escola, o gerente e os funcionários disseram não conhecer os professores ou a sua rotina². O gerente disse que não se lembrava da escola. A postura dos empregados dos Correios em relação a escola é conceituada por Honneth (2001) como “invisibilidade”, uma manifestação de desrespeito que impede o reconhecimento dos agentes escolares por enquadrá-los em um patamar de não existência. Percebe-se que a ideologia imagética da sociedade do espetáculo torna certas instituições ou pessoas entidades inexistentes no mundo que se tenta vender.

O dono do estacionamento, também vizinho da escola, manifestou raiva e desprezo pelos estudantes da escola. Ele não aceitou ser entrevistado, pedindo para registrar que não queria a escola pública no bairro. Uma pequena televisão portátil na cabine de controle de entrada estava sintonizada no programa *Cidade Alerta*.

As entrevistas feitas na padaria revelaram uma relação de tensão com a presença da escola na região. Os funcionários tinham um discurso padronizado sobre o trânsito de estudantes na rua, afirmando que eles prejudicavam o movimento da padaria e que os donos acham que um dia eles podem vandalizar ou assaltar o comércio³. Entretanto, eles afirmaram que nunca houve qualquer tipo de incidente entre a comunidade escolar e aquele estabelecimento. Afirmaram que a comunidade escolar entrava pouco no estabelecimento.

As situações de desrespeito aos estudantes protagonizadas por membros da comunidade advêm do agendamento temático feito pelos meios de

² As entrevistas foram concedidas no dia 7 de março de 2014, dentro da empresa dos Correios e do Estacionamento.

³ As entrevistas com os funcionários da padaria foram descontraídas, sem uso de questionário ou anotações, e ocorreram enquanto eu consumia café, almoçava ou levava pão para casa. O primeiro levantamento começou no dia 7 de março de 2014 e terminou no dia 30 de maio do mesmo ano.

comunicação. Segundo Maxwell McCombs (2004), os meios de comunicação pautam os assuntos e opiniões do público por meio das discussões agendadas diariamente pela imprensa. O jornalismo policial no início de 2014 colocou como pauta a “diminuição da maioria penal” para eleger deputados comprometidos com esse projeto.

Desde o início do semestre os programas policiais noticiavam casos de violência dentro das escolas públicas e reprisaram diariamente casos de homicídios cometidos em anos anteriores para retratar situações de impunidade em relação aos jovens infratores. Ocorreu um alinhamento temático e opinativo entre os programas televisivos desta categoria – *Balanço Geral* (Rede Record), *Brasil Urgente* (Rede Bandeirantes) e *Cidade Alerta* (Rede Record) – no intuito de promover políticos que defendiam a diminuição da maioria penal. O apresentador do programa *Brasil Urgente*, José Luiz Datena, passou a utilizar o bordão “escola pública é a faculdade do crime”⁴ e, pouco tempo depois, os demais apresentadores do jornalismo policial da Rede Record passaram a reproduzir.

Todos os oito entrevistados afirmaram que assistiam diariamente programas de jornalismo policial e, nos estabelecimentos comerciais que possuíam televisão, eles estavam transmitindo esses programas.

3. Análise discursiva

3.1 O ódio do comerciante

A entrevista com o proprietário da padaria elucidou a origem da opinião negativa dos seus funcionários sobre a escola. Ele aceitou dar a entrevista nutrido a esperança de que eu pudesse ajudar um movimento organizado por uma empreiteira e pela associação de lojistas da região a fechar a escola, mesmo tendo sido informado de que era uma tese doutoral e que esse não era o objetivo da pesquisa. Segue a transcrição da entrevista:

⁴ Pesquisei os vídeos do programa *Cidade Alerta* no portal da emissora e constatei que a seleção temática e o uso do bordão apareceram na segunda semana de janeiro de 2014. Em março do mesmo ano os apresentadores Marcelo Rezende e Geraldo Luís adotaram o bordão do programa concorrente.

Pesquisador (P): Como você considera sua relação com a escola?

Entrevistado (E): Como todos aqui na região, é uma relação tensa. Ruim.

P: Por quê? Poderia me explicar melhor?

E: Primeiro, as pessoas que moram neste bairro não colocam os seus filhos em escolas públicas. Eles colocam os filhos em escolas particulares, como faz qualquer um que tenha um mínimo de dinheiro para garantir o futuro dos filhos. Escola pública não presta, você sabe disso melhor do que eu. Poderiam ter fechado a escola, feito uma biblioteca ou museu. Podiam vender para fazerem mais prédios e usar o dinheiro para construir escolas em outros lugares. As pessoas que frequentam a escola são de fora, de bairros pobres, o que fazem aqui? Não deveria ter escola lá? Eles vêm pra cá, acham tudo bonito, tudo organizado, ficam nos invejando. Depois já viu.

P: Você falou em acabar com a escola. Você sabe a origem dela, desde quando ela existe? Algo sobre sua história?

E: Não, não sei. Quando a nossa família se instalou aqui está escola já existia, mas não era como hoje. Eram outros tempos. Essa escola tem cara de velha. Uma senhora de idade uma vez me disse que seus filhos estudaram nela, junto com os filhos dos vereadores. Mas isso faz muito tempo, na época em que a escola pública era boa.

P: Você sabe como ela funciona?

E: Não sei, mas deve ser igual as outras.

P: Igual como?

E: Não sei. Tem aula vaga, professor que não quer dar aula, drogas.

P: De onde você tirou estas informações? Tem parente que estudam nelas?

E: Não, meus filhos e sobrinhos estudam em particulares. Minha empregada tem um filho que estuda nessas escolas públicas. Ele vive na rua por que não tem aula. Na TV sempre falam desses problemas, os políticos prometem melhorar. Não melhoram.

P: Qual o impacto da escola nesta comunidade?

E: Não gostamos, não nos sentimos seguros. Esta padaria foi projetada para atender as famílias do bairro, investimos em padeiros e confeitadores,

mas hoje ninguém vem mais comprar aqui. Mandam a empregada. Hoje ganhamos dinheiro servindo almoço para quem trabalha na região. As pessoas têm medo desses alunos, por isso o movimento cai.

P: Por quê?

E: Olha para eles. Não quero ser preconceituoso, mas essa gente é pobre, menor de idade. Bate um vício de droga, uma maldade, eles podem vir aqui assaltar, barbarizar, e não vão presos. São menores. Somos reféns deles. Olha a porta da padaria, gastei muito dinheiro para colocar as catracas. Sem falar nas câmaras e no serviço de segurança que pago à parte. O Estado, que deveria me proteger, acaba me colocando em risco. Quem vai querer tomar café da manhã ou almoçar com o seu filho aqui durante a semana? Ninguém. Já nos reunimos com os outros comerciantes e moradores para fechar a escola, mas não conseguimos.

O discurso do dono da padaria revela de maneira geral os sentimentos negativos dos comerciantes estabelecidos naquela região em relação a escola. O discurso é carregado de uma ideologia liberal segregacionista, onde tudo o que é público não presta e todos os pobres são potencialmente criminosos.

Quando o dono da padaria foi questionado sobre o objeto da pesquisa, ele afirmou que a escola pública em geral é uma instituição incapaz de proporcionar uma educação de qualidade e por esse motivo ele e os moradores do bairro colocam os seus filhos em escolas particulares. Ele desconsidera a possibilidade de existirem escolas que não sejam pagas melhores do que aquelas que cobram mensalidade.

O dono da padaria também diferencia dois grupos sociais: aqueles que podem pagar pela educação, “melhor educados e com bens”, daqueles que utilizam o serviço público, “mal-educados, invejosos e potencialmente criminosos”. Por esse motivo ele acredita que a escola deveria ser fechada para dar espaço para outra instituição, ou se vender o prédio para construir outra escola nos bairros pobres – isolando os problemas decorrentes dos choques entre duas classes sociais distintas. Para ele, “bons pais” trabalham para “pagar uma escola” para os filhos, o que indiretamente significa que as pessoas que colocam os filhos em uma escola pública não são boas pessoas. O consumo do ensino privado estaria ligada a figura do *bonus pater familias*.

O entrevistado confessa que não entende do funcionamento da escola e que foi informado pela empregada e pela televisão de que na escola pública não tem aula, que os professores faltam e que ela é controlada pelo tráfico de drogas. Há vários problemas na construção do seu imaginário sobre as escolas públicas que estão diretamente relacionadas com as notícias veiculadas pelo jornalismo policial⁵.

O entrevistado acreditava no que estava dizendo e enxergava com clareza uma potencial ameaça oriunda dos “invejosos menores pobres que escondem um potencial criminoso”, reproduzindo todo um leque de preconceitos que ele não confessa e que sustenta o discurso de meritocracia da ideologia neoliberal (THOMPSON, 2011), em outros termos, o discurso legitima relações assimétricas de poder entre as classes sociais em conflito na região onde se encontra a escola pública.

As insinuações do dono da padaria não correspondem com a realidade da região. Consultamos a delegacia responsável pela região⁶ e o delegado afirmou que a incidência de crimes envolvendo menores perto da escola era pouco significativa em termos estatísticos. Ele também disse que nos cinco anos que ele trabalha na delegacia não se lembra de problemas envolvendo estudantes da escola.

O entrevistado e os demais comerciantes estavam reproduzindo estereótipos, ou seja, opiniões socialmente compartilhadas do mundo que têm como função prever comportamentos ou ameaças em determinadas situações que desconhecemos. Como não podemos acompanhar os trabalhos de políticos, jornalistas e educadores por conta de nossas limitações, aceitamos uma imagem socialmente construída e transmitida pela opinião alheia para avaliarmos esses profissionais quando tomamos contato com eles: um *estereótipo*. Ensinam-nos a confiar em policiais, a ter medo de criminosos, a acreditar nos jornalistas e assim por diante – quando tomamos contato com eles, já sabemos o que pensar e como agir. Esses estereótipos negativos também recaem sobre os pobres e os afrodescendentes que estudam na escola – já são margi-

⁵ No dia anterior, dia 27 de março de 2014, os dois programas policiais da TV Record reprisavam constantemente uma matéria sobre a presença de traficantes nas escolas públicas brasileiras, sendo que a matéria foi produzida no dia 6 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DkQqURqtchY>. Acesso em: 28 mar. 2014.

⁶ As consultas foram feitas na delegacia de polícia no dia 3 de abril de 2014.

nalizados *a priori*. Os estereótipos reproduzem as desigualdades e a violência contra os grupos sociais desrespeitados (HONNETH, 2003).

Os estereótipos são facilitadores da realidade, mas, como todo facilitador, produz preconceitos e reducionismos prejudiciais a determinados grupos sociais. O comunicador Walter Lippmann, um dos primeiros especialistas em opinião pública, explica com clareza este fenômeno:

As mais sutis e penetrantes de todas as influências que podem nos impor são as que criam repertórios de estereótipos. Através deles somos informados sobre o mundo antes de vê-lo. Nós imaginamos muitas coisas antes de examiná-lo. E esses preconceitos, a menos que a educação os tenha tornado conscientes, governam profundamente todo o nosso processo de percepção. Eles classificam certos objetos como familiar ou estranho, enfatizando as diferenças, de modo que aquilo que nos é pouco familiar é visto como muito familiar, e aquilo que é pouco estranho como muito alienígena. Eles são despertados por pequenos sinais, que podem variar de uma referência fiel ou de uma vaga analogia. [...] O que importa é o caráter dos estereótipos, e a crueldade com que os empregam. E estes, no final, dependem desses padrões inclusivos que constituem nossa filosofia de vida. Se na filosofia que assumirmos o mundo estiver codificado de acordo com um código que possuímos, então estamos propensos a reportar o que está acontecendo descrevendo um mundo governado por estes códigos (1997, p. 60).

3.2.0 medo dos moradores

Não podemos dizer que as manifestações preconceituosas encontradas na padaria sejam um fenômeno isolado, feito por uma pessoa segregacionista. Ao entrevistar os moradores da região, os estereótipos se repetiram em seus discursos, mostrando que há um alinhamento ideológico entre os moradores sobre os estudantes daquela escola.

No prédio residencial de alto padrão ao lado da escola, há muros enormes, cerca elétrica e um forte esquema de segurança privada. Foi muito difícil contatar o síndico, que não aceitou conversar. Os moradores chegam de carro, raramente saem do prédio para andar na calçada. Consegui entrevistar uma moradora que estava saindo do prédio para passear com os cachorros. Assim como o dono da padaria, ela inicialmente achou que eu estava fazendo uma pesquisa para fechar a escola. Segue a transcrição da entrevista⁷:

⁷ A entrevista foi concedida no dia 16 de maio de 2014, na rua em frente ao prédio vizinho

Pesquisador (P): Como você considera a relação dos moradores do seu prédio com a escola?

Entrevistada (E): Não há relação possível com essa gente. Que tipo de relação vamos ter? Não frequentamos a escola, não andamos no bairro deles, não escutamos as músicas que eles ouvem. Olha a roupa daqueles garotos [camisetas da Gaviões da Fiel] saindo da escola. Torcida organizada é facção criminosa. Querem que eu dê bom dia para eles? Claro que não. Se quisessem estudar, nós poderíamos estabelecer uma boa relação.

P: A relação foi sempre assim? Você sabe qual a origem desta escola? Conhece a história dela?

E: Meu marido, que faleceu no ano passado, comprou este apartamento em 1995. Eram bons tempos. A escola já existia, era melhor frequentada. Não conheço a história desta escola. Piorou dos últimos anos para cá.

P: Piorou como?

E: A violência começou a aumentar, os direitos humanos começaram a proteger os menores, e aí tudo piorou. O governo começou a mandar gente da periferia para estudar aqui, e isso piorou a segurança. Chamam isso de inclusão social. Inclusão social é colocar a escola na favela, não aqui. Tem gente que já reclama de carro arranhado, de ameaça de assalto.

P: Você já foi vítima ou conheceu alguém que foi?

E: Ouvei falar aí no prédio da frente. Comigo não aconteceu nada, graças a deus. Mas certamente já aconteceu, né. Vemos isso na TV todos os dias. A escola forma criminosos, pois o governo os ensina a roubar de quem tem ao invés de trabalhar.

P: Você está dizendo que esta escola os ensina a roubar de quem tem dinheiro?

E: Não ensinam assim, mas está subentendido nessa educação do Paulo Freire que o governo impõe. Acham que a gente sempre está devendo algo para eles. Ficam recebendo mil reais com Bolsa Família, bolsa casa, bolsa faculdade, cotas, e a escola chama isso de “direitos”.

à escola. Não consegui fazer um questionário para traçar o perfil socioeconômico da senhora.

P: Você acha que esse é o maior impacto da escola na comunidade? Tem mais alguma contribuição positiva ou negativa?

E: Quando meu marido tinha acabado de comprar o apartamento, nós descíamos com as crianças para tomar café na padaria, íamos no teatro a pé. Hoje não podemos mais fazer isso. Eu estava falando com minha amiga que mora no prédio da frente sobre esta situação, mas o problema é que a escola diminui o valor dos imóveis. Não tem como vender e comprar outro neste bairro, mais afastado. Já nos reunimos com a associação de bairro, mas não conseguimos tirar esta escola. A gente tem que deixar na mão de deus mesmo e evitar sair na rua.

No discurso da moradora constatamos os mesmos estereótipos utilizados pelo dono da padaria para explicar seu mundo, podendo assim traçar um padrão. Ela utiliza a expressão depreciativa “essa gente” para diferenciar a comunidade escolar da “gente de bem do bairro” que fica explícito no decorrer do seu discurso. Ela critica a vestimenta de alguns estudantes, trajando camisas de agremiações futebolísticas, para inclui-los na categoria “facção criminosa”.

Ela reclama sistematicamente de uma suposta falta de segurança que os estudantes que frequentam a escola trazem, além de criticar a eficiência e utilidade do ensino público. Utilizou expressões como “inveja” para explicar as supostas motivações criminais dos estudantes contra a população do bairro – causadas pelas concepções educacionais de Paulo Freire utilizadas pelos professores das escolas públicas. A menção a Paulo Freire, Bolsa Família, “bolsa faculdade” e cotas, que ela classifica como “inclusão”, aponta para uma relação de inferioridade econômica e moral que distingue de sua classe social, que coloca os filhos em escolas particulares tradicionais e não se utiliza de políticas governamentais de diminuição das desigualdades.

Em seu discurso a entrevistada faz uma referência direta aos meios de comunicação para justificar os seus estereótipos e pontos de vista preconceituosos em seu relato sobre o problema da escola para o bairro. As visões de mundo reproduzidas nesses discursos estão em sintonia com outras vozes e discursos paralelos que disseminam estereótipos reproduzidos pelos meios de comunicação. A moradora reproduz um discurso ideológico que sustenta uma diferença de *ethos* entre os moradores da periferia, que estudam na escola pública, e os moradores do bairro, estabelecendo uma clara relação de superioridade moral.

Programas policiais como *Balanço Geral*, *Brasil Urgente* e *Cidade Aler-ta*, recordistas de audiência na tarde paulistana, reproduziam diariamente os clichês presentes no imaginário do dono da padaria e da moradora: “falta de segurança”, “menores de idades que estupram e matam impunemente”, “periferias com altos índices de criminalidade”, “os pobres vagabundos que não querem trabalhar”, “as escolas públicas que viram faculdades do crime”.

4. Interpretação e Reinterpretação

Constata-se nos discursos dos entrevistados que as associações incoerentes entre “escola pública” e “crime organizado” eram muito comuns, o que contribui com a sensação de insegurança, aumentando o preconceito contra os mais pobres e alimentando grupos sociais segregacionistas. O constante ataque midiático contra as escolas públicas deferidas por jornalistas policiais como José Luiz Datena do programa *Brasil Urgente* aumentou no ano seguinte, em 2015, alimentado pela discussão política na Câmara dos Deputados sobre a redução da menoridade penal. O programa reprisava matérias frias como a da menina que foi abusada sexualmente no banheiro da escola (19/5/2015) e de traficantes que tomam conta de uma escola pública em Ceilândia (20/5/2015) no intuito de comover a opinião pública. O referido programa televisivo utilizou uma linguagem discursiva e visual que associa o afeto de irascibilidade ao seu preconceito contra as classes sociais que frequentam as escolas públicas, um recurso de discriminação típico do fascismo, como descrito categoricamente pelo teórico Peter Sloterdijk (2012).

A reprodução do preconceito midiático contra estudantes de escolas públicas para sustentar um clima de insegurança e medo, estratégia típica do discurso fascista (SLOTERDIJK, 2012), causou situações de desrespeito e ofensa que “pode abranger graus diversos de profundidade na lesão psíquica de um sujeito: por exemplo, entre o rebaixamento palpável ligado à denegação de direitos básicos elementares e humilhação sutil” (HONNETH, 2003, p. 214).

As afirmações sobre o ensino público feitas pelos entrevistados e disseminados pela mídia não correspondiam à realidade. Os dados oficiais do Exame Nacional do Ensino Médio nos últimos anos mostram que os estudan-

tes das escolas públicas federais têm uma média de notas maior que os das escolas particulares⁸. Em São Paulo, a média das escolas privadas supera a das escolas estaduais com uma baixa vantagem. Em relação ao uso de drogas, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) divulgou que o consumo de drogas é maior entre os estudantes de escola privada do que entre os de escolas públicas⁹, mesmo em relação a drogas baratas, como é o caso do *crack*, segundo dados do IBGE¹⁰.

Mesmo quando esses dados se tornam públicos pelos meios de comunicação, tanto a imprensa quanto a opinião pública evitam refletir sobre os estereótipos já consagrados. É preciso justificar a superioridade cognitiva e moral da classe dominante sobre os integrantes da classe dominada, restando qualquer tipo de evidência ou argumento que revele a perversidade de suas ações e valores (BAKHTIN, 2002; BOURDIEU; PASSERON, 2009). Lippmann esclarece que quando um estereótipo consagrado é questionado ele gera uma forte reação emocional.

Não é de se admirar que qualquer perturbação dos estereótipos parece ser um ataque aos fundamentos do universo. É um ataque contra as bases do nosso universo, e, quando coisas grandes estão em jogo, não admitimos prontamente que não há qualquer distinção entre o nosso universo e o universo real. Um mundo pode acabar quando os homens honrados se tornam indignos, e quando aqueles que desprezamos são nobres – é desesperador. [...] os fundamentos de autorrespeito seriam abalados se as pessoas que organizam o mundo sobre máximas descobrissem que essas não são verdadeiras. Um padrão de estereótipos não é neutro. É a garantia de nossa autoestima; é a projeção sobre o nosso mundo, sobre o nosso senso de valores, posições e direitos. Os estereótipos são, portanto, altamente carregados de sentimentos ligados a eles. Eles são a fortaleza de nossa tradição, e atrás de suas defesas podemos continuar a sentir seguros na posição que ocupamos (1997, p. 6).

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/alunos-de-escolas-federais-tem-maiores-medias-nas-provas-do-enem.html>. Acesso em: 20 maio 2015.

⁹ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-consumo-de-droga-e-maior-em-escola-privada,654615>. Acesso em: 20 maio 2015.

¹⁰ Disponível em: <http://www.antidrogas.com.br/mostraartigo.php?c=4039&msg=Consumo%20de%20crack%20%E9%20maior%20em%20escolas%20particulares%20de%20SL,%20diz%20IBGE>. Acesso em: 20 maio 2015.

O discurso midiático, reprodutor de estereótipos que degradam os agentes da comunidade escolar que frequenta a escola pública, e reproduzida por pessoas que discursam contra a existência da escola contrariando os interesses sociais e econômicos desta política de Estado, se fundamenta em uma lógica espetacular que produz uma dissociação da realidade que Debord classificou como “alienação”, em um sentido que transcende a concepção marxista das lógicas da relação de trabalho. Sua contemplação das relações de imagens televisivas no telejornal sequestra os sentidos que ele mesmo poderia criar ao vivenciar a sua própria realidade cotidiana.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a existência é seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte (DEBORD, 2000, p. 24)

Considerações finais

As semelhanças entre os discursos dos comerciantes e dos moradores vizinhos da escola pública pesquisada e as matérias e opiniões veiculadas pelos três principais programas televisivos de jornalismo policial no período das entrevistas revelam um agendamento midiático e opinativo preconceituoso sobre a educação pública, produzindo um estereótipo negativo de criminalização dos membros da comunidade escolar.

O consumo da educação privada aparece como um fator de distinção social que delimita as “pessoas de bem”, advindas de famílias que se preocupam com a educação ética dos filhos, e os “marginais”, que não trabalham para colocar os seus filhos em “boas escolas” e os entrega ao cuidado do “crime organizado” oferecido pelo Estado.

Atualmente as estratégias midiáticas de degradação comprometem o reconhecimento das reivindicações estudantis que exigem melhorias nas condições de ensino, excluindo a participação da comunidade dos debates públicos

sobre eventos como as ocupações escolares ou nos atuais protestos pelos cortes nos investimentos públicos em educação. Como efeito da descrença generalizada na escola pública feita pelo jornalismo policial, atualmente tenta-se vender como solução escolas dirigidas por militares, sustentada em um discurso de ordem e castigo tipicamente autoritário e segregacionista, reforçando a orientação ideológica deste tipo de jornalismo. Percebe-se, pelo discurso da comunidade no entorno escolar, a sustentação de uma ideologia de segregação econômica com orientação autoritária de exclusão de classes sociais.

EDUCAÇÃO E DESRESPEITO: a degradação da escola pública como espetáculo nos meios de comunicação

Resumo: Este artigo analisa fenômenos discursivos sobre a escola pública entre os membros de uma comunidade de alto capital econômico na cidade de São Paulo no ano de 2014. Utilizou-se como marco teórico-metodológico a Hermenêutica de Profundidade de John Thompson e a teoria do Reconhecimento de Axel Honneth. Constatou-se um alinhamento ideológico nos discursos de marginalização da escola pública, dos seus membros (educandos e educadores), e uma defesa do ensino privado como instância legítima de formação escolar e ética. Os argumentos e figuras de linguagem utilizada nesses discursos eram veiculados diariamente pelo jornalismo policial nas emissoras de televisão, estabelecendo relações de desrespeitos ao impor estereótipos depreciativos aos estudantes das escolas públicas para a opinião pública.

Palavras-chave: Escola pública; estereótipo; jornalismo policial; ideologia; meios de comunicação.

EDUCATION AND DISRESPECT: the degradation of public school as a spectacle in the mass media

Abstract: This article analyzes discursive phenomena about public schools among the members of a high economic capital community in the city of São Paulo in the year 2014. The theoretical-methodological reference used was John Thompson's Depth Hermeneutics and Axel Honneth's Recognition Theory. An ideological alignment was found in the public-school marginalization discourses of its members (students and teachers) and a defense of private education as a legitimate instance of education and ethics. The arguments and figures of speech used in these speeches were broadcast every day by sensationalist crime reporting broadcasted on television channels, establishing relationships of disrespect by imposing derogatory stereotypes on students at public schools for public opinion.

Keywords: Public school; stereotype; police journalism; ideology; mass media.

SOBRE O AUTOR

Arthur Meucci

Bacharel, Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Formação em Psicanálise pelo IBCP. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Membro-fundador da Cátedra Paulo Freire da UFV. E-mail: meucci@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4809-5120>.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: apontamentos para discussão. In: Rev. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 119-138, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHAGAS, Marcos Antonio; SILVA, Rosemaria; SOUZA, Silvio. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro: Contribuições para o debate atual. In: MOLI, Jaqueline (Org). **Caminhos da educação integral no Brasil**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- CITELLI, Adilson. Tecnocultura e educomunicação. In: **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 63-75, dez. 2015.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- HONNETH, Axel. Invisibility: On the Epistemology of Recognition. In: **Aristotelian Society Supplementary Volume**, Vol. 75, n. 1, p. 111-126, 2001.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática dos conflitos morais. São Paulo: Editora 34, 2003
- LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York: Free Press Pbks ed., 1997.
- MCOMBS, Maxwell. **Setting the Agenda**: The Mass Media and Public Opinion. Malden-USA: Blackwell Publishing, 2004.
- SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

Recebido: fevereiro 2023

Aceito: maio 2023

The Creative Commons License in Revista InterMeio

CC BY-NC-SA: This license allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format for non-commercial purposes only, and only so long as attribution is given to the creator. If you remix, adapt or build upon the material, you must license the modified material under identical terms.

CC BY-NC-SA includes the following elements: • BY: Credit must be given to the creator; • NC: Only noncommercial uses of the work are permitted; • SA: Adaptations must be shared under the same terms.